

O CRIOLISMO DE HÉLIO SEREJO: UMA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO REGIONALISMO NO MATO GROSSO DO SUL

Noraci Cristiane Michel Braucks (UFGD/CNPQ)
Leoné Astride Barzotto (UFGD)

RESUMO

Temos encontrado em *Contos Crioulos* (1998) uma noção regionalista de crioulismo, própria do autor sul-matogrossense Hélio Serejo. Nos contos *Amor pelo crioulismo* e *Isso também é crioulismo*, percebemos a complexidade do crioulismo serejeano. As coisas próprias da região abarcam a paisagística – de “originalidade arrebatadora”, as crenças religiosas, a fauna e a flora, bem como as expressões linguageiras e as diferentes etnias que convergem na fronteira do Brasil com o Paraguai no Mato Grosso do Sul. Diante disso, procuramos estabelecer diferenças com outras terminologias geradas a partir do verbete *crioullo*, usadas nas Américas. Abordando o caso da língua crioulo nas Antilhas, e a discussão teórica acerca de *crioulidade* e *crioulização*, procuramos estabelecer algumas balizas teóricas do crioulismo de Hélio Serejo, em sua proximidade com a noção de regionalismo enquanto dimensão constituinte da identidade fronteiriça.

Palavras-chave: *Literatura; crioulismo; regionalismo; Hélio Serejo.*

ABSTRACT

We have found in *Contos Crioulos* (1998) a regionalist concept of crioulismo, the author's *sul-matogrossense* Helio Serejo. In tales *Amor pelo crioulismo* and *Isso também é crioulismo*, we perceive the complexity of *crioulismo* by Serejo. Things own of region as landscape, religious beliefs, vegetation and animals, as well as the language expressions and different ethnicities converge on the border of Brazil with Paraguay in Mato Grosso do Sul. Thus, we seek to establish differences with other terminologies generated from the *crioullo* word, used in the Americas. Contrasting with the case of *crioulo* language in the Antilles, and the theoretical discussion about *crioulidade* and *crioulização*, we seek to establish some theoretical beacons of *crioulismo* by Hélio Serejo, in its proximity with the concept of regionalism while part of border identity.

Keywords: *literature; crioulismo; regionalism; Hélio Serejo.*

1. INTRODUÇÃO

Contos Crioulos (1998) do autor Hélio Serejo revela-se uma literatura rica em aspectos regionalistas do Mato Grosso do Sul. Tomamos aqui a perspectiva de regional apresentada por Dilma Castelo Branco Diniz e Haydée Ribeiro Coelho em que é possível afirmar, junto a Afrânio Coutinho, que “toda arte é regional” (DINIZ E COELHO, 2005, p. 417, *apud* COUTINHO). Ou seja, a arte e, portanto a literatura, revela questões específicas e interrelacionadas de ordem política, antropológica, econômica, religiosa, entre outras, da região cultural de onde surgem. Por região cultural, toma-se aqui a ideia de *ciclos culturais* uma vez que a divisão regional geográfica não assegura o regionalismo de uma obra literária, embora inicialmente esteja ligado a ela.

1.1 “O mais Matogrossense de todos os Matogrossenses”¹⁴

¹⁴ Título de prêmio recebido por Hélio Serejo em 1952, pela Associação Matogrossense de Estudantes.

Para Hélio Serejo, o ser fronteiriço significa mais do que viver numa cidade de fronteira; significa “respirar” os “ventos” que vem de outros lugares e que convergem na fronteira.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, no recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebrantar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses (REIS, 1980, p. 16).

Assim, Hélio Serejo destaca-se na literatura do Mato Grosso do Sul pela forma como apresenta a região da fronteira Brasil-Paraguai. A paixão do autor por essa região marca sua obra, podendo ser observada em *Contos Crioulos* (1998), onde o autor narra histórias de sua própria vivência nas fazendas de erva-mate de seu pai, ainda na primeira metade do século passado. Por isso, a literatura deste “escravo apaixonado do nativismo” (SEREJO, 1998, p. 36), como o próprio autor se denomina, revela-se uma expressão artística *sui generis* das “coisas crioulas”.

O olhar de Serejo esteve, desde o nascimento, voltado para a região sul do antigo Estado do Mato Grosso. Nascido em 1912 em Nioaque, o ainda menino Hélio se acostumou com a vida nas fazendas. A infância foi passada, em boa parte, na companhia de Guavira, um cavalo petiço. Já na juventude, o autor aprendeu todo o trabalho braçal da erva-mate, e ajudou o pai na administração de fazendas no extremo sul da região, onde hoje se localizam as cidades de Mundo Novo, Tacuru e Ponta Porã.

A maneira *enamorada* como Serejo descreve as paisagens da região, sua fauna e flora, e as diferentes etnias que (con)viveram na fronteira, revela o ponto de vista de um observador que não está distanciado da realidade. Ao contrário, Hélio Serejo apresenta-se como um “vivenciador” que decide transpor sua realidade e inscrevê-la artisticamente.

A carreira de Hélio Serejo como escritor conta com a produção de 41 obras e vasto trabalho jornalístico. Foram inúmeros programas de rádio, todos a favor de sua terra natal. Teve trabalhos publicados em Portugal, Uruguai, México e Paraguai. A lenda “Por que o Jaburu é triste” foi incluída no Dicionário Internacional de Lendas, publicado na Inglaterra. Seu trabalho também chegou à televisão — a TV Record apresentou uma montagem do conto “Lua do Brejo”. O tema do escritor foi sempre o mesmo, o folclore e a vida no Mato Grosso. Entre os prêmios que ganhou, destacamos o título de “O Mais Matogrossense de todos os Matogrossenses”, em 1952 pela Associação Matogrossense de Estudantes, e a 18ª cadeira da Academia Matogrossense de Letras, em 1973, cujo discurso de posse é uma importante fonte autobiográfica de Hélio Serejo (REIS, 1980, p. 91-103).

O prefácio e a Apresentação à edição de 1998 de *Contos Crioulos*, de Enilda Mougenot Pires e Nelly Barbosa Macedo, respectivamente, trazem um panorama completo da riqueza da obra de Serejo, em sua dimensão regionalista. Os aspectos pontuados pelas autoras nos indicam uma amostra do que encontraremos na leitura do livro de contos– a vida cabocla.

Em todos os contos, a trama vem da vida cabocla que é sua característica mais forte. “Que mundo é esse em que me encontro?” É um filme do sertão mato-grossense. Existe aqui o prazer de transitar entre paisagens que inspiram-no. Ou de criar imagens rigorosamente nativistas... (SEREJO, 1998, p.11).

1.2 O caso do crioulo antilhano e o crioulimo embriagador de Hélio Serejo

A palavra “crioulismo”, de uso comum na linguagem do autor Hélio Serejo, tem origem na palavra francesa *créole* (do latim *criare*, educar), usada no período colonial para designar os descendentes franceses nascidos na América. Por isso, o termo surge nas colônias francesas na América Central, sendo posteriormente utilizado em diferentes regiões do continente sul-americano com variação de sentido. Tais variações são conhecidas no Brasil, onde crioulo pode ser usado para designar pessoas e coisas de determinadas regiões do Rio Grande do Sul; e qualquer indivíduo negro no Rio de Janeiro. (VIANNA, 2005, p. 103).

Eurídice Figueiredo (1998) apresenta o caso do *criollo* (espanhol) nas ilhas Martinica e Guadalupe na região das Antilhas, cujas terras foram colonizadas pelos franceses. Nessa situação original, o *criollo* designa a língua gerada desde o período colonial, cenário de miscigenação.

Com a chegada de grandes levas de escravos nas plantações de cana-de-açúcar, os negros aprenderam o francês com os outros escravos negros já instalados nas fazendas. A partir daí, surgem variantes do francês, faladas pelos negros crioulos, gerando o *criollo*, doravante crioulo. Acredita-se inclusive, que o dialeto tenha aproveitado variantes da própria língua francesa, uma vez que vieram para as regiões colonizadas, pessoas oriundas de diversas regiões da França. Assim, o crioulo nas Antilhas tornou-se a língua dos negros, até mesmo porque a maioria dos habitantes das ilhas é negra.

O caso específico da construção de um dialeto paralelo à língua francesa nas colônias de Martinica e Guadalupe remete a um fenômeno comum às situações de diáspora – a crioulização da língua. Essa expressão, assinada por Édouard Glissant (1928-2011), designa o fenômeno cultural que surge da integração de diferentes expressões linguísticas e culturais, especialmente nas regiões colonizadas, devido o fluxo de migrantes e viajantes, tão próprios do período colonial (VIANNA, 2005, p 106).

A colonização promoveu a convergência de diversos sujeitos transplantados de sua terra natal para as colônias, como foi o caso das pessoas que migraram para as Américas, forçosa ou

voluntariamente, gerando uma relação de contato entre diferentes costumes, modos de pensar e tradições culturais. Tal ligação vai além da mestiçagem dos povos, uma vez que transpõe a previsível mistura biológica da miscigenação, enquanto cria regiões culturais e linguísticas totalmente inesperadas. A criouliização também vai além da transculturação, visto não se limitar a obviedade conceitual de troca entre as culturas geográficas, mas superando a troca pela convivência sem diluição das diferenças.

Com isso, percebemos que é no território geográfico que acontece o encontro das diferenças, propiciando que elas se afinem e se ajustem, gerando uma situação cultural e linguística nova. À medida que a criouliização se constitui, o território já é transcendido pelo *lugar*; o lugar já não é palpável, sendo real no imaginário dos sujeitos e da sociedade gerada num determinado território concreto. No sistema colonial, o *lugar* está sob a influência do sistema colonial da mesma maneira que o território. Assim, o espaço de aproximação, ou contato, é também de conflitos por conta das relações de poder. Isso significa que na colônia, enquanto espaço ao mesmo tempo do colonizador e do colonizado, o colonizado criou e manteve seu dialeto próprio, adaptado ao *lugar* de sua vivência, não sucumbindo por completo ante a dominação colonial (VIANNA, 2005, p. 114-116).

Dessa forma, entende-se como a vivência do *lugar* oponha-se ao discurso colonial centrado na cultura europeia. É no descentramento da cultura europeia e no testemunho da heterogeneidade das culturas nacionais, como sintetiza Núbia Hanciau (2005), que surge uma nova língua, descentrada e híbrida. Enquanto nova língua, a língua crioula ou criouliizada é vinculada, mas diferente da língua colonizadora, indicando uma não assimilação completa, por parte dos colonizados, da língua e de todo o arcabouço cultural europeu que nela está embutido. Portanto, o dialeto crioulo não apenas indica que há resistência, como é por si só resistência ao projeto colonial. Como a língua criouliizada nem sempre é conhecida pelo colonizador, ficando no domínio dos colonizados, torna-se uma presença desestabilizadora da pretensa homogeneidade do colonizador, bem como de seu poder¹⁵.

Diante disso, podemos estabelecer algumas semelhanças e diferenças com o criouliismo de Hélio Serejo. De um lado, o criouliismo serejeano inclui uma língua híbrida (BARZOTTO, 2009), gerada numa situação de intensa mistura cultural. Os traços de guarani, espanhol, linguajar gaúcho e paraguaio mesclados poeticamente ao português forjaram a língua fronteiriça do autor sul-mato-grossense. Porém, há uma mistura de outros aspectos da cultura que são, por conseguinte,

¹⁵ No caso da língua crioula em Guadalupe e Martinica, o crioulo não se estabelecesse como língua oficial. O poder colonial nunca esteve aberto à realidade subalterna, impondo sua língua como forma de dominação. Por isso, ao longo da história, e até os dias de hoje, observa-se um relação ambígua da população de Martinica e Guadalupe com a *diglossia* francês/crioulo. Essa relação ambígua com a língua em Martinica e Guadalupe representa muito bem a problemática da língua como parte constituinte da identidade humana. A ambiguidade certamente marca a as representações do “ser” daquelas pessoas, e indica que ainda é preciso haver superação sobre os velhos estereótipos herdados do colonialismo.

constituintes da identidade na fronteira, sua realidade específica. São aspectos paisagísticos e culturais, marcados a todo tempo pelo uso de uma língua híbrida, própria do autor.

Dessa forma, a língua híbrida na obra serejeana tem a função, à semelhança do crioulo antilhano, de subverter a padronização linguística, própria das pretensões unívocas coloniais. Assim, o discurso colonial que ainda ecoa nos países outrora colonizados, como é o caso do Brasil, é trazido à tona na literatura de Hélio Serejo. A visitação de sua obra promove o desvelamento de muitas das implicações desses processos, oferecendo indicativos de resistência e revide aos sistemas que pretendem a dominação cultural, e por meio dessa, controle político e econômico.

As palavras de origem ameríndia que infiltram suas obras constituem uma característica extremamente relevante, suscitando a intenção de harmonizar e equilibrar os valores sociais impostos, pois a língua híbrida é muito mais do que um recurso poético ou um estilo do autor; é, acima de tudo, um instrumento de denúncia, de sobrevivência e garantia da posteridade de uma dada realidade porque nela o registro da história se faz possível. Como se pode negar a importância de uma escrita literária de caráter híbrido uma vez que três quartos da população do planeta têm suas vidas marcadas pela experiência do colonialismo? (BARZOTTO, 2009).

1.3 Ainda a criouldade

O caráter de mescla, próprio do crioulisto que Hélio Serejo apresenta, em *Contos Crioulos* (1998), aproxima-se ainda das noções de criouldade discutidas pelos teóricos latino-americanos Édouard Glissant, Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant.

Uma marca da criouldade é a importância de um retorno às raízes — a *identidade rizoma*¹⁶, como defendido por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para desconstruir e reconstituir as identidades da identidade crioula, identificando os processos de dominação cultural e política que tais identidades sofreram. Esta tem sido uma estratégia contemporânea não só de resistência, mas de promoção da liberação efetiva da colonização, histórica e atual.

A síntese dessa discussão teórica pode ser encontrada no artigo-manifesto *Eloge de la créolité*, publicado em 1989. No *Eloge* (1989) o conceito de criouldade aparece como sinônimo de mestiçagem. Tal conceito se torna questionável por ser historicamente associado à bastardia, reforçando os preceitos coloniais de depreciação dos indivíduos nascidos da mistura da raça européia com a raça negra. Entretanto, o termo crioulo também é problemático por que teve seu sentido alterado ao longo tempo, ora representando brancos nascidos nas colônias, ora os negros, em nada se relacionando com mestiçagem de raças. Aqui se faz relevante a concepção de Fernando Ortiz acerca de transculturação, onde a mestiçagem cultural é comparada à biológica. Para esse autor, assim como indivíduo gerado trará traços de ambos os genitores, sempre se distingue em

¹⁶ Na botânica, rizoma corresponde a um sistema de raízes de esparramação horizontal, opondo-se à raiz única de sistema vertical (BONNICI, 2005, p. 50). Édouard Glissant retoma a imagem de *rizoma* (de Deleuze e Guattari) como metáfora de oposição e resistência ao discurso vertical e totalitário colonizador – a raiz única.

relação a cada um dos dois. Isto significa que a cultura fruto da mestiçagem de culturas (transculturação) é uma cultura nova – a neoculturação (FIGUEIREDO, 1998, p. 105).

A noção de criouldade está vinculada a esse caráter aglutinador de diferenças. No *Eloge* o crioulo é "veículo original de nosso eu profundo, de nosso inconsciente coletivo, de nosso gênio popular" (FIGUEIREDO, 1998, p. 104 *apud* BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT). O paralelo brasileiro é traçado por Gilberto Freyre em *Casa-grande e senzala* (1933), ao demonstrar que nós americanos carregamos marcas da miscigenação, quando não na cor da pele, certamente na internalização cultural.

Os teóricos indicam um fenômeno quase natural da condição humana, que é a capacidade de misturar-se, enredar-se, e a partir daí, resistir à ideia do dominante que se propõe como única, uniforme e superior. Essa relação complexa, dita crioula, não suprime conflitos gerados pelo contato das diferentes culturas, e visões de mundo, bem como das compreensões diferentes a respeito de como resistir à dominação, e até mesmo, da disposição à resistência.

Paradoxalmente, o encontro criouloizado de diferentes culturas “acena como uma esperança histórica de reconciliação dos povos em um mundo marcado por guerras e fenômenos de uniformização e estandardização culturais” (VIANNA, 2005, p. 120). Retomamos conclusões de Benjamin Abdala Júnior, “é das formas misturadas, crioulas, diríamos, que é possível promover uma coexistência contraditória, onde cada unidade considerada não se anule na outra; ou então se feche nas perspectivas da guetização ou dos fundamentalismos” (ABDALA JUNIOR, 2004, p. 19).

O crioulismo de Hélio Serejo aponta para a complexidade em que está implicada a convergência cultural nos termos de criouldade. Em “Isso também é crioulismo”, o autor inclui em seu próprio conceito de crioulismo uma simpatia para encontrar objetos perdidos. Essa inclusão remete ao tema recorrente em *Contos Crioulos* do folclore e do misticismo. A abrangência é ampla, de maneira que é possível recolher um

minucioso registro folclórico que compreende ainda glossários, descrição de festas como o cururu, a marujada, a Festa do Divino, coletâneas de refrões, o folclore do papo, da saudade, do fogo, da cachaça, das florestas; características dos índios kilnikinaus, dos chamacocos, dos araés, dos guaicururus (SEREJO, 1998, p. 27).

A partir das palavras do próprio autor, identificamos os principais traços que delineiam o crioulismo de Hélio Serejo.

Sorví, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejais infindáveis [...] o vento sulino anunciando chuva [...] o barulho cantante da queda d'água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Viví, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulismo embriagador” (SEREJO, 1998, p. 35).

2. CRIOULISMO E REGIONALISMO

O crioulisto de Hélio Serejo foi forjado pela própria admiração do autor pela vida sertaneja na região sul-mato-grossense. Ele mesmo reconhece o seu crioulisto como uma “tendência nativista”, “tal como registra a literatura Hispano-Americana” (SEREJO, 1998, p. 145). Com isso, Serejo remete aos seus conhecimentos literários, e sua reflexão a respeito da literatura enquanto registro de aspectos regionalistas, ou “nativistas” de uma determinada região.

Dessa forma, movido pelo crioulisto, Serejo irá descrever detalhadamente a vida das fazendas ervateira, locais de sua vivência. Tudo que o diz respeito ao cotidiano da maneira de viver, de pensar, de crer, de falar, de executar as tarefas relativas à lida da erva-mate, está descrito e caracterizado como algo próprio da região.

O velho pilão, o catre mal trançado, o arreio cacareco, o gamaleão, o maroto chapéu carandá, o poncho descolorido, soltando fiapos, a forma de rapadura, o ferro de brasa para passar a roupa, a mariquinha, carote, o panelão de ferro desbeijado, o porongo guardador de água, a caneca de latão, o resto de cobertor para se defender do frio, o sapatão de couro de anta e centenas de outros pertences são marcas indestrutíveis do CRIOULISMO (SEREJO, 1998, p. 145).

Entretanto, é na descrição da flora e fauna da região que se concentra o acento poético da literatura de Hélio Serejo. É justamente nessa tônica marcante que a definição de crioulisto, nas palavras do próprio autor a respeito do assunto, delineia um correspondente com a paisagística da região sul-mato-grossense.

No conto “Isso também é crioulisto”, onde Serejo descreve a “árvore dos ninhos” e a planta “Tatiá”, vemos a predileção do autor pelas belezas naturais da região.

Do matuto, do sertanejo, do charrua, do campechano e do CRIOULO dotado de fascinação, **nada balançou tanto o meu coração** de fronteiro e de bugre, como a “árvores dos ninhos”, pelo excêntrico, compactação clorofilada, originalmente paisagística, graciosidade e beleza (SEREJO, 1998, p. 165 – *grifo próprio*).

Em “Amor pelo crioulisto” encontra-se um caráter transcendente na relação de Hélio Serejo com a natureza da região.

Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvaticidade, enfim, pela obra do Sublime Criador. Por esse motivo tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante. Quedo-me, invariavelmente, orgulhoso de possuir essa virtude... virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do “sol se pondo”, no instante em que o poderoso astro se afora nas sombras da noite que se avizinha. (SEREJO, 1998, p. 36).

Diante disso, vislumbramos junto a Diniz e Coelho (2005), o regionalismo como uma expressão, de certa forma, nacionalista. Ou seja, há um desejo de que os valores locais sejam conhecidos e reconhecidos em toda a nação, e que sejam identificados, de algum modo, como valores nacionais.

A literatura tem desde muito cedo no Brasil, oferecido obras com caráter regionalista, com o intento de marcar o nacional. Esse é o caso dos escritores românticos, como José de Alencar (*O sertanejo*), Alfredo Taunay (*Inocência*), Euclides da Cunha (*Os sertões*) e Guimarães Rosa (*Grandes sertão: veredas*), entre outros. Embora, o regional seja apresentado desvirtuadamente (como o índio europeizado de José de Alencar), dão início a um regionalismo particularista, que privilegia características locais.

Além de remeter ao local, a literatura regionalista pode também assumir caráter universal, ou individual. *Vidas Secas* “ultrapassa em muito o seu significado regional: é o eterno drama do homem oprimido pelas circunstâncias, que luta assim mesmo para afirmar a dignidade de sua condição” (DINIZ; COELHO, 2005, p. 425, *apud* ALMEIDA).

Dentre o caráter universal encontramos as implicações do mundo globalizado atuante sobre o local. Por isso, quando focamos na região cultural que serve de fundo para a produção artística, e é por ela representada, abordamos o regionalismo não apenas nas questões locais. Antes, assumimos que

tratar do regionalismo hoje implica revisitar posições cristalizadas e contemporâneas, refletir sobre o regionalismo e a globalização e destacar suas diferentes perspectivas, tais como a política, a antropológica e a literária, que estabelecem um relacionamento entre si. (DINIZ; COELHO, 2005, p. 416).

Nesse sentido, retomamos aqui a perspectiva pluridimensional das “zonas de contato” apresentada por L. Barzotto (2010). A hibridação está presente também na cultura regional, visto ser essa “zona de contato”, nas palavras de M. L. Pratt (1992), onde culturas díspares convergem conflituosamente, devido às relações de dominação e subordinação. Assim, a hibridação é a essência do entre-lugar regional. Entretanto, ao expor a experiência regional, a literatura pode apresentar questões regionais que também são de ordem mundial, tornando-se uma literatura transnacional. Isso faz com que se aproximem as literaturas de autores de diferentes contextos, como por exemplo, Guimarães Rosa e Mia Couto.

3. CONCLUSÃO

Contos Crioulos (1998), de Hélio Serejo, representa um significativo acerto para a afirmação identitária do regionalismo sul-matogrossense. Tanto ao destacar aspectos peculiares à lida da erva mate, como descrever detalhadamente a paisagem natural da região, ou ainda quanto ao marcar a obra com uma língua única e de uso local – forjada por origem plural, Serejo afirma o regional sul-matogrossense.

O regionalismo é, em Hélio Serejo, o que ele próprio designa crioulisto. E esse crioulisto não é uma unidade estanque, mas uma dimensão híbrida, própria das regiões de fronteira. As

riquezas naturais são espelho de uma fonte inesgotável de indícios de uma história local que também foi marcada pelos ecos da colonização.

Por isso, aspectos da polarização colônia-metrópole/ colonizador/colonizado, opressor/subalterno também são destacáveis na obra de Hélio Serejo. O local, o nacional e o global estão imbricados em texto literário, a exemplo do que aconteceu e ainda persiste, na literatura produzida em outras regiões do Brasil.

O crioulisto de Hélio Serejo como desenho artístico incomparável, diante do qual não extenuamos de vislumbrar os detalhes, os traços exatos, e os imprecisos, que são capazes de nos gerar sempre novas impressões, novas nuances... Obra de arte de um exímio “pintor” que se disse “homem desajeitado, de gestos xucros”.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. Um ensaio de abertura. Mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos. In: _____. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 9-20.

BARZOTTO, L. A. O entre-lugar na literatura regionalista: articulando nuances culturais. *Raído: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD/ Universidade Federal da Grande Dourados* (v.4, n.7, jan./jun. 2010), Dourados, MS: UFGD, 2007.

_____. *Traçados pós-coloniais na literatura do Mato Grosso do Sul*. Anais do XIX Seminário do CELLIP, 2009.

DINIZ, D. C. B.; COELHO, H. R. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 415-431.

FIGUEIREDO, E. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

HANCIAU, N. J. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 125-141.

VIANNA, M. F. Crioulização e Crioulidade. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 103-123.

SEREJO, H. *Contos Crioulos*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.